



O ADVERSÁRIO

Emmanuel Carrère

O ADVERSÁRIO

TRADUÇÃO DE
Ana Cardoso Pires

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X I X

© 2019, Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

© 1999, POL Editeur
Todos os direitos reservados.

Título original: *L'Adversaire*
Autor: Emmanuel Carrère
Tradução: Ana Cardoso Pires
Revisão: Tinta-da-china (M. Alfaia)
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)
Composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Maio de 2019

ISBN 978-989-671-487-1
Depósito Legal n.º 454210/19

Na manhã de sábado 9 de Janeiro de 1993, enquanto Jean-Claude Romand matava a mulher e os filhos, estava eu com a minha família numa reunião na escola de Gabriel, o nosso filho mais velho. Ele tinha cinco anos, a idade de Antoine Romand. A seguir, fomos almoçar com os meus pais, e Romand com os dele, os quais assassinou depois da refeição. Passei a tarde de sábado e o domingo, habitualmente dedicados a estarmos juntos, sozinho, no meu estúdio, a acabar um livro em que andava a trabalhar há um ano: a biografia do romancista de ficção científica Philip K. Dick. O último capítulo relatava os dias que passou em coma antes de morrer. Terminei na terça-feira à noite e, na manhã de quarta, li o primeiro artigo do *Libération* sobre o caso Romand.

Luc Ladmiral foi acordado na segunda-feira, pouco depois das quatro da manhã, por um telefonema de Cottin, o farmacêutico de Prévessin. A casa dos Romand estava em chamas e os amigos deviam ir tentar salvar o que pudessem da mobília. Quando lá chegou, os bombeiros estavam a retirar os corpos. Recordará por toda a vida os sacos de plástico cinzentos, selados, em que tinham colocado as crianças: demasiado desfiguradas para serem vistas. Florence só tinha sido coberta com um casaco. O rosto, enegrecido pelo fumo, estava intacto. Ao passar-lhe a mão pelo cabelo, num gesto desolado de despedida, os dedos de Luc tocaram em algo estranho. Apalpou, rodou a cabeça da jovem mulher com cuidado e chamou um bombeiro para lhe mostrar uma ferida aberta acima da nuca. Devia ter sido uma viga do tecto que lhe tinha caído em cima, disse o bombeiro: o sótão estava parcialmente desmoronado. Em seguida, Luc subiu para o camião vermelho onde haviam colocado Jean-Claude, o único da família que ainda estava vivo. O pulso batia-lhe debilmente. Estava em pijama, inconsciente, queimado, porém já frio como um morto.

A ambulância chegou e levou-o para o hospital de Genebra. Estava escuro e frio, e toda a gente encharcada pelos jactos das mangueiras dos bombeiros. Como não havia mais nada a fazer por ali, Luc foi até casa dos Cottin, para se secar. Sob a luz amarelada da cozinha, ficaram a ouvir o soluçar da cafeteira, sem se atreverem a olhar uns para os outros. As mãos tremiam-lhes quando pegaram nas chávenas, remexendo com as colheres, que

faziam um barulho incrível. Luc voltou depois para casa, a dar as novidades a Cécile e aos filhos. Sophie, a mais velha, era afilhada de Jean-Claude. Alguns dias antes, tinha ficado a dormir, como tantas vezes, em casa dos Romand; podia muito bem ter lá ficado nessa noite e estar agora, também ela, dentro de um saco cinzento.

Desde os estudos de Medicina em Lyon, nunca se tinham separado. Casaram quase ao mesmo tempo, os filhos de ambos cresceram juntos. Sabiam tudo sobre a vida um do outro, o que exibiam, mas também os segredos, segredos de homens honestos, zelosos, por isso mais vulneráveis à tentação. Quando Jean-Claude lhe confidenciou que tinha um caso amoroso, capaz de o fazer mandar tudo passear, Luc chamou-o à razão:

— Fica por conta de quando for eu a fazer figura de parvo.

Uma amizade assim é das coisas mais preciosas da vida, quase tão preciosa como um casamento bem-sucedido; e Luc deu sempre como certo que um dia teriam 60, 70 anos e, do alto de todo esse tempo, como de uma montanha, avaliariam juntos o caminho percorrido: os momentos em que tinham tropeçado, quase perdido o rumo, as ajudas que haviam dado um ao outro, a maneira como, no final, tinham resolvido tudo. Um amigo, um verdadeiro amigo, é também uma testemunha, alguém cuja percepção permite avaliar melhor a nossa própria vida, e há vinte anos que cada um deles desempenhava esse papel para o outro, infalivelmente e sem grande retórica.

As suas vidas eram semelhantes, embora não tivessem seguido o mesmo caminho. Jean-Claude tinha-se tornado uma sumidade na investigação, em contacto com ministros e presença frequente em conferências internacionais, enquanto Luc era clí-

nico geral em Ferney-Voltaire. Mas não sentia inveja por isso. Só um desentendimento absurdo, há uns meses, sobre a escola onde os filhos de ambos andavam, os tinha afastado um pouco. Numa reacção incompreensível, Jean-Claude amarrou o burro, ao ponto de ele, Luc, ter de tomar a iniciativa de dizer que não se iam desentender por uma ninharia. Essa história incomodou-o, ele e Cécile falaram sobre isso noites a fio. Que irrisório parecia agora! Como é frágil a vida! Ainda ontem, ali estava uma família unida, feliz, pessoas que se amavam, e agora, um acidente numa caldeira e são corpos carbonizados transportados para a morgue... A mulher e os filhos eram tudo para Jean-Claude. O que iria ser da sua vida se sobrevivesse?

Luc ligou para o serviço de urgências em Genebra: tinham colocado o ferido numa câmara hiperbárica e o prognóstico vital era reservado.

Com Cécile e as crianças, rezou para que Jean-Claude não recuperasse a consciência.

Quando abriu o consultório, tinha dois polícias à espera dele. As perguntas pareceram-lhe estranhas. Queriam saber se os Romand tinham inimigos declarados ou actividades suspeitas. Perante a sua reacção atónita, os guardas contaram-lhe a verdade. O primeiro exame aos cadáveres provava que tinham morrido *antes* do incêndio, Florence com golpes na cabeça, infligidos por um instrumento contundente, Antoine e Caroline abatidos a tiro.

E havia mais. Em Clairvaux-les-Lacs, na região do Jura, o tio de Jean-Claude, encarregado de dar a notícia da catástrofe aos pais, velhos e frágeis, tinha ido lá a casa, acompanhado pelo médico deles. Estava tudo trancado e o cão não ladrou. Preocupado,

forçou a porta e descobriu o irmão, a cunhada e o cachorro banhados em sangue. Também eles haviam sido baleados.

Assassinados. Os Romand tinham sido assassinados. A palavra ressoou na cabeça de Luc com um eco atónito.

— Foi roubo? — perguntou, como se a palavra pudesse reduzir o horror da outra a qualquer coisa racional.

Os polícias ainda não sabiam, mas dois crimes a oitenta quilómetros de distância um do outro, visando membros da mesma família, levavam a pensar mais em vingança ou ajuste de contas. Voltaram à questão dos inimigos e Luc, desorientado, abanava a cabeça: inimigos, os Romand? Toda a gente gostava deles. Se tinham sido assassinados, fora forçosamente por pessoas que não os conheciam.

Os polícias não sabiam qual era exactamente a actividade exercida por Jean-Claude. Médico, diziam os vizinhos, mas não tinha consultório. Luc explicou que o seu amigo era investigador da OMS*, em Genebra. Um dos guardas telefonou para lá, pediu para falar com alguém que trabalhasse com o doutor Romand: a secretária dele ou um dos seus colaboradores. A telefonista não conhecia nenhum doutor Romand. Como o interlocutor insistisse, passou-o ao director de Recursos Humanos, que consultou os ficheiros e confirmou: não havia nenhum doutor Romand na OMS.

Aí, Luc compreendeu tudo e sentiu um imenso alívio. O que tinha acontecido desde as quatro da manhã, o telefonema de Cottin, o incêndio, as feridas de Florence, os sacos cinzentos, Jean-Claude na câmara dos grandes queimados e mais esta conversa sobre crimes, tudo se tinha sucedido com uma verosimi-

* Organização Mundial de Saúde. (N. da t.)

lhança perfeita, uma sensação de realidade que não levantava quaisquer suspeitas, mas agora, graças a Deus, a cena estava finalmente a descarrilar e a revelar aquilo que era: um pesadelo. Ele ia acordar na cama. Questionava-se se seria capaz de se lembrar de tudo e se ousaria contar aquilo a Jean-Claude. «Sonhei que a tua casa estava a arder, que a tua mulher, os teus filhos e os teus pais tinham morrido assassinados, que tu estavas em coma e que na OMS ninguém te conhecia.» É coisa que se possa dizer a um amigo, mesmo ao melhor amigo? Uma ideia assolou Luc e viria depois a atormentá-lo: a de que, neste sonho, Jean-Claude desempenhava um papel de duplo e representava os medos que ele, Luc, sentia a respeito de si próprio: medo de perder os seus, mas também de se perder a si mesmo, e de descobrir que, por trás da fachada social, não era nada.

Com o avançar do dia, a realidade ainda tornou maior o pesadelo. Convocado a deslocar-se à esquadra nessa tarde, em apenas cinco minutos Luc ficou a saber que tinham encontrado no carro de Jean-Claude uma carta escrita pelo punho do próprio, na qual assumia a autoria dos crimes e dizia que tudo o que pensavam saber sobre a sua carreira e actividade profissional era um logro. Alguns telefonemas e verificações elementares bastaram para fazer cair a máscara. Telefonaram para a OMS e ninguém o conhecia. Na Ordem dos Médicos, não estava inscrito. Nos hospitais parisienses onde dizia ter feito o internato, o seu nome não constava nas listas, nem nas da Faculdade de Medicina de Lyon, onde o próprio Luc e vários outros juravam ter sido colegas dele. Jean-Claude tinha começado o curso, sim, mas havia deixado de fazer exames no final do segundo ano e, a partir daí, era tudo mentira.

A princípio, Luc recusou-se pura e simplesmente a acreditar. Quando nos vêm dizer que o nosso melhor amigo, o padrinho da nossa filha, o homem mais recto que conhecemos, matou a mulher, os filhos e os pais e que ainda por cima nos mentiu sobre tudo durante anos, o normal é continuarmos a confiar nele, mesmo perante provas arrasadoras, não é? Que amizade seria essa que se deixasse tão facilmente convencer de ter sido um erro? Jean-Claude não podia ser um assassino. Faltava inevitavelmente uma peça no quebra-cabeças. Haviam de a encontrar e tudo mudaria de figura.

Para os Ladmiral, aqueles dias sucederam-se como uma provação sobrenatural. Os discípulos de Jesus viram-no ser preso, julgado e torturado como o último dos criminosos, e, apesar de Pedro ter fraquejado, continuaram a acreditar nele. Ao terceiro dia, confirmaram que tinham tido razão em não ceder. Cécile e Luc lutaram com todas as forças para não cederem. Mas ao terceiro dia, mesmo antes, foram obrigados a reconhecer que a sua esperança era vã e que iam ter de viver com tudo aquilo: não apenas com a perda dos que haviam morrido, mas com o enterro da confiança e com toda uma vida necrosada pela mentira.

Se tivessem podido, ao menos, proteger os filhos! Já era suficientemente pavoroso contar-lhes que Antoine e Caroline tinham morrido num incêndio com os pais. Mas era inútil fazer segredo. Em poucas horas, a região foi invadida por jornalistas, fotógrafos, técnicos de televisão, que assediaram toda a gente, mesmo as crianças da escola. Desde terça-feira que todas sabiam que Antoine, Caroline e a mãe tinham sido mortos pelo pai, que depois pegou fogo à casa. Muitas começaram a sonhar que as suas casas estavam a arder e que os seus pais faziam o mesmo que o de Antoine

e Caroline. Luc e Cécile sentavam-se na beira dos colchões que tinham sido colocados ao lado uns dos outros: ninguém se atrevia a dormir sozinho e apertavam-se os cinco no quarto dos pais. Sem saberem ainda o que explicar, embalavam-nos, acariciavam-nos, tentavam ao menos tranquilizá-los. Mas percebiam claramente que as suas palavras já não exerciam o efeito mágico de antes. Tinha-se insinuado uma dúvida, que só o tempo poderia arrancar pela raiz. Isso significava que a infância lhes tinha sido roubada, aos filhos e a eles, seus pais; que nunca mais os meninos se entregariam nos seus braços com aquela confiança miraculosa, que é milagrosa mas normal, nas suas idades, em famílias normais; e foi a pensar nisso, em tudo o que tinha sido irremediavelmente destruído, que Luc e Cécile se puseram a chorar.

Na primeira noite, e sucessivamente ao longo de toda a semana, o grupo de amigos do costume reuniu-se em casa dos Ladmiral. Ficavam até às três ou quatro horas da manhã, a tentar apoiar-se, para aguentarem o embate. Esqueciam-se de comer, bebiam demasiado, muitos voltaram a fumar. Essas vigílias não eram fúnebres, eram até as mais animadas que alguma vez a casa tinha conhecido, porque o choque era tal, provocava um tal turbilhão de perguntas e de dúvidas, que curto-circuitava o luto. Cada qual passava pelo menos uma vez por dia na esquadra, fosse por ser convocado, fosse para acompanhar a evolução da investigação; e debatiam o assunto noite dentro, comparavam as informações, arquiectavam hipóteses.

A região de Gex é uma planície de cerca de trinta quilómetros de largura, que acompanha o sopé das montanhas do Jura até à margem do Lago de Genebra. Embora situada em território francês, é de facto um subúrbio residencial de Genebra, um

conjunto de aldeias abastadas, onde se instalou uma colónia de funcionários internacionais que trabalham na Suíça, pagos em francos suíços e, na maioria, não sujeitos a impostos. Todos têm praticamente o mesmo estilo de vida. Moram em quintas antigas convertidas em moradias confortáveis. O marido vai para o escritório de Mercedes. A esposa vai de Volvo tratar das compras e de diversas actividades sociais. Os filhos frequentam a escola de Saint-Vincent, colada ao castelo de Voltaire, que é privada e cara. Jean-Claude e Florence eram figuras conhecidas e estimadas dessa comunidade, tinham um estatuto elevado e todos os que os conheciam perguntavam-se agora: de onde vinha o dinheiro? Se ele não era quem fingia ser, quem era afinal?

O procurador da República interino, assim que tomou conta do caso, declarou aos jornalistas que «tudo era de esperar» e, em seguida, após um primeiro exame dos extractos bancários, afirmou que o motivo dos crimes tinha sido «o receio que o falso médico tinha de ser desmascarado e uma súbita interrupção de um tráfico de contornos ainda obscuros de que ele era uma das peças-chave e que lhe proporcionava há vários anos quantias muito significativas». Esta informação exaltou a imaginação das pessoas. Começou-se a falar de tráfico de armas, de divisas, de órgãos humanos, de estupefacientes. De uma vasta organização criminosa a operar no antigo bloco socialista em decomposição. Da máfia russa. Jean-Claude viajava muito. No ano anterior, tinha ido a Leninegrado, de onde trouxera matrioscas para Sophie, a sua afilhada. Luc e Cécile, num acesso de paranóia, puseram a hipótese de as bonecas esconderem documentos incriminatórios, microfilmes ou microprocessadores, perguntando-se se não seria isso o que os assassinos tinham procurado em vão em Pré-vessin e Clairvaux. Porque Luc, cada vez mais isolado, ainda que-

ria acreditar numa conspiração. Talvez Jean-Claude fosse espião, um traficante de segredos científicos e industriais, mas nunca poderia ter matado a família. *Alguém* os tinha matado, *alguém* tinha forjado provas para o incriminar, *alguém* tinha mesmo ido ao ponto de destruir vestígios do seu passado.

«Um acidente banal ou uma injustiça podem provocar a loucura. Desculpa-me, Corinne, desculpem-me os amigos, desculpem-me as boas almas da associação de Saint-Vincent que quiseram partir-me a cara.»

Este era o texto da carta de despedida deixada no automóvel. Que acidente banal? Que injustiça?, perguntavam-se os «amigos», reunidos à noite em casa dos Ladmiral. Muitos deles faziam também parte das «boas almas», membros da associação de gestão da escola, e a esses os polícias não largavam. Cada um teve de fornecer uma versão pormenorizada do conflito desencadeado, no início do anterior ano escolar, pela substituição do director. Escutavam com um ar de quase desconfiança. Seria aquilo a injustiça que causou a tragédia? Os membros da associação estavam perplexos: tinham discutido, sim, talvez alguém tivesse mesmo falado em partir a cara a Jean-Claude, mas era preciso estar louco para imaginar uma relação entre essa disputa e o massacre de uma família inteira! Era preciso estar louco, reconheciam os polícias, mas a relação tinha mesmo de existir.

Quanto a Corinne — cujo nome os jornais tinham recebido ordens para não publicar, pelo que a tratavam por «a amante misteriosa» —, o testemunho que prestou era assombroso. No sábado anterior, Jean-Claude tinha ido ter com ela a Paris, para a levar a jantar em Fontainebleau, a casa do seu amigo

Bernard Kouchner*. Algumas horas antes, como confirma a autópsia, tinha assassinado a mulher, os filhos e os pais. Claro que ela não suspeitou de nada. Num local isolado da floresta, ele tentou matá-la também. Ela reagiu, ele desistiu e levou-a de volta para casa, alegando que estava seriamente doente e que isso explicava o gesto tresloucado. Quando, na segunda-feira, ouviu a notícia do massacre e percebeu que quase fora a sexta vítima, tomou a iniciativa de telefonar à polícia, que ligou para Kouchner. O qual nunca tinha ouvido falar do doutor Romand, nem tinha casa em Fontainebleau.

Toda a gente conhecia Corinne em Ferney, porque ela tinha lá morado antes de se divorciar e mudar para Paris. Ninguém, no entanto, sabia que ela mantinha um caso com Jean-Claude, excepto Luc e Cécile, que por isso não a tinham em grande estima. Consideravam-na uma intriguista, disposta a dizer o que fosse preciso para se mostrar interessante. Mas como, à medida que os dias passavam, a hipótese de uma conspiração se revelava cada vez menos plausível, a de um crime passional permitia preencher o vazio. Luc lembrava-se das confidências de Jean-Claude, da profunda depressão para que o arrastara a ruptura. Era-lhe fácil imaginar que, se a relação tivesse recomeçado, podia ter enlouquecido o amigo: o vaivém entre a mulher e a amante, a espiral de mentiras, acrescida da angústia associada à doença...

Porque Jean-Claude também lhe tinha confidenciado que padecia de cancro e que estava a ser tratado em Paris pelo professor Schwartzberg. Luc falou nisso aos polícias, que foram verificar a informação. O professor Schwartzberg conhecia-o

* Médico, político e fundador dos Médicos sem Fronteiras e dos Médicos do Mundo. (N. da t.)

tanto como Kouchner, e a investigação, alargada aos serviços de Oncologia de todos os hospitais franceses, não encontrou qualquer registo em nome de Jean-Claude Romand.

Corinne conseguiu, através do seu advogado, não voltar a ser mencionada na imprensa como a amante do monstro, aparecendo daí em diante como uma simples amiga. Soube-se, a seguir, que ela lhe tinha entregado 900 mil francos* de poupanças, que ele deveria depositar na Suíça para benefício dela — e que, em vez disso, ele os tinha desviado. O misterioso tráfico resumia-se a uma banal vigarice. Nunca mais se falou de espionagem ou de grande banditismo. Os investigadores consideraram que Jean-Claude tinha abusado da confiança de outros membros do seu círculo e os jornalistas deram a entender que os lesados não se atreviam a apresentar queixa, porque os investimentos que ele lhes dizia ter feito eram ilegais: era isso que explicava que o círculo dos notáveis de Ferney se mostrasse tão reservado...

As insinuações exasperavam Luc. Na qualidade de «melhor amigo» do assassino, estava constantemente a ser confrontado com tipos vestidos de blusões de couro a exhibir cartões de jornalista, de microfone estendido para ele ou a oferecer-lhe pequenas fortunas para verem o seu álbum de fotografias: barrava-lhes sistematicamente a porta, para que a lembrança dos mortos não fosse manchada, e conseguiu com isso que o tomassem como suspeito de ludibriar o fisco.

Outras revelações tiveram origem na família de Florence, os Crolet, que moravam em Annecy e que os Ladmiral conheciam

* Apenas para se ter uma ordem de grandeza, e de acordo com a actualização anual do Instituto de Estatística de França, o valor de 1988, na tabela de 2018, é de (aprox.) 1 franco francês = 0,25 euros. A quantia mencionada seria de 225 mil euros. (N. da t.)

bem. Também eles tinham confiado dinheiro a Jean-Claude: a indemnização de reforma do pai e, após a sua morte, um milhão de francos da venda da casa dele. E agora não só sabiam definitivamente perdido esse dinheiro, fruto do trabalho de uma vida, como uma dilacerante suspeita se vinha misturar ao seu luto e o parasitava: o pai Crolet tinha morrido devido à queda de uma escada, quando estava sozinho com Jean-Claude. Será que, além do mais, ele também teria matado o sogro?

Todos se perguntavam: como pudemos viver tanto tempo com este homem sem suspeitar de nada? Cada um buscava na memória a lembrança de um momento em que tivesse aflorado uma suspeita ou algo que pudesse ter levantado essa suspeita. O presidente da associação de gestão comentou com algumas pessoas que o tinha procurado no anuário das organizações internacionais, sem resultados.

O próprio Luc recordava-se de a ideia lhe ter ocorrido alguns meses antes, depois de ter sabido por Florence que o amigo ficara em quinto lugar no concurso para o internato em Paris. Não foi a boa classificação que o surpreendeu, mas o facto de não a ter sabido na altura. Porque não falou sobre isso? Quando o questionou e o acusou de andar a fazer caixinha, Jean-Claude encolheu os ombros, disse que não queria fazer grande alarde daquilo e mudou de assunto. Era extraordinária, aquela capacidade de desviar a conversa assim que se focava nele. Fazia isso tão bem que as pessoas nem se apercebiam e, quando voltavam a pensar no assunto, era com admiração pela sua discrição, a sua modéstia, a sua preocupação em pôr os outros em destaque e não a si mesmo. Contudo, Luc sentia vagamente que qualquer coisa não batia certo naquilo que ele dizia sobre a sua carreira.

Tinha mesmo pensado em ligar para a OMS para perceber o que ele lá fazia ao certo. Mas tinha-lhe parecido um absurdo. E agora repetia para si mesmo que, se o tivesse feito, talvez tudo fosse agora diferente.

— Talvez — disse Cécile quando ele desabafou esse remorso.
— Ou talvez ele também te tivesse matado.

Quando falavam dele, de madrugada, já não lhe conseguiam chamar Jean-Claude. Nem Romand. Ele existia algures fora da vida, fora da morte, e deixou de ter nome.

Ao fim de três dias, souberam que ele ia sobreviver.

Tornada pública na quinta-feira, a notícia caiu pesadamente nas exéquias dos pais Romand, que tiveram lugar no dia seguinte, em Clairvaux-les-Lacs. Os funerais de Florence e dos filhos foram adiados, para permitir completar a autópsia. As duas circunstâncias tornaram a cerimónia ainda mais insustentável. Como poderia alguém acreditar nas palavras de paz e repouso que o padre se esforçou por pronunciar, quando os caixões foram descidos à terra, debaixo de chuva?

Ninguém se conseguia recolher, procurar nas profundezas de si mesmo um cantinho de calma, de aceitável tristeza onde refugiar a sua alma. Luc e Cécile compareceram, apesar de mal conhecerem a família, e mantiveram-se afastados. Os rostos ásperos e vermelhos dos camponeses do Jura revelavam marcas de insónia, de pensamentos de morte, de negação e de vergonha contra os quais não se pode lutar. Jean-Claude fora o orgulho da aldeia, admirado por ter sido tão bem-sucedido e, apesar disso, se ter mantido tão simples, tão próximo dos seus velhos pais. Telefonava-lhes todos os dias. Constava que tinha recusado um

cargo de prestígio na América, para não se afastar deles. Nas duas páginas do dia dedicadas ao caso, o jornal *Le Progrès* publicava uma fotografia tirada na sexta classe no colégio de Clairvaux, onde ele aparecia na primeira fila, sorridente e meigo, e a legenda dizia: «Quem acreditaria que aquele que era tido como um exemplo se transformaria num monstro?»

O pai tinha sido baleado nas costas, a mãe, no peito. Ela de certeza, e talvez até os dois terão percebido que morriam às mãos do filho, fazendo com que, no mesmo instante, vissem a sua morte chegar — que todos nós veremos e que eles tinham idade para encarar sem escândalo — e a aniquilação de tudo o que tinha dado sentido, alegria e dignidade às suas vidas. O padre garantia que eles agora viam a Deus. Para os crentes, o momento da morte é quando se vê Deus, já não obscuramente num espelho, mas face-a-face. Mesmo os não-crentes acreditam em algo do género: quando passam para o outro lado, os moribundos vêem desenrolar-se no meio de um clarão o filme da sua vida, finalmente inteligível. E essa visão, que deveria ter revelado aos velhos Romand a plenitude das vidas realizadas, trouxe-lhes o triunfo da mentira e do mal. Deviam ter visto a Deus e, em seu lugar, viram, assumindo os traços do seu bem-amado filho, aquele a que a Bíblia chama Satanás, isto é, o Adversário.

Só se conseguia pensar naquilo: no espanto infantil da traição nos olhos dos velhotes; nos corpos quase carbonizados de Antoine e Caroline, que jaziam ao lado da mãe em mesas de uma morgue; e depois, no outro corpo, pesado e flácido, o do assassino que tinha sido tão próximo de todos, tão familiar, que se tornara tão monstruosamente estranho e que começava lentamente a mexer-se de novo numa cama de hospital, a poucos quilómetros dali. Tinha queimaduras, explicaram os médicos,

e estava sob o efeito dos barbitúricos e hidrocarbonetos que tinha tomado, mas deveria recuperar plena consciência durante o fim-de-semana e estaria em condições de ser interrogado na segunda-feira.

Logo após o incêndio, quando ainda acreditavam que tinha sido um acidente, Luc e Cécile rezaram para que ele morresse: era por ele, então. Agora, rezavam para que morresse, mas era por eles próprios, pelos seus filhos, por todos aqueles que ainda estavam vivos. O facto de ele, a morte em forma de homem, permanecer entre eles era uma ameaça terrível, a pairar, e a garantia de que a paz jamais regressaria, de que o horror não teria fim.

No domingo, um dos seis irmãos de Luc disse-lhe que era preciso arranjar um novo padrinho para Sophie. Ofereceu-se; perguntou solenemente se ela aceitava. Essa cerimónia familiar marcou o início do luto.

O ADVERSÁRIO
foi composto em caracteres
HoeflerText e impresso na Eigal, Indústria Gráfica,
em papel CoralBook de 90 gramas,
em Março de 2019.